

## O cego e a coceira

### Contado por Eesha Sardesai

A escuridão o engoliu. Ele piscou algumas vezes — em vão, ele sabia, pois seus olhos nunca se ajustariam. Além disso, pela pouca visão que lhe restava nos olhos, ele tinha bastante certeza de que não havia nenhuma fonte de luz na sala, nenhuma lâmpada, nenhuma janela reluzindo a luz prateada da lua.

Não, ele estava na escuridão total. Escuridão e... *silêncio*. Exceto por seus pensamentos, que pareciam ficar mais altos na proporção do pânico que se acumulava em seu peito. Ele repassou tudo na cabeça, como tinha ido parar ali, naquele quarto escuro e sem janelas, sem ninguém para ajudá-lo.

A ironia era que aquela sala fria e hostil fazia parte de um palácio. E o palácio era *magnífico* — arejado e belo, e perfeitamente situado em uma paisagem idílica, com colinas verdes ondulantes por todos os lados. Era o lugar mais feliz, esplêndido e pacífico em que já tinha estado, e era *dele*.

Sim, sua família havia se mudado para essa morada palaciana alguns meses antes e, no tempo em que estiveram lá, o homem começou a explorar seus muitos aposentos e passagens. O problema é que ele gostava de fazê-lo sozinho e à noite, quando sua visão já ruim estava no pior momento.

Foi o que ele fez nessa noite, saindo na ponta dos pés depois que o resto da família tinha ido para a cama. Ele murmurava para si mesmo enquanto caminhava, confiando na memória e no instinto, e em quaisquer contornos tênues da arquitetura que pudesse perceber com a ajuda das arandelas nas paredes. Finalmente, ele conseguiu descer vários lances de escada até que chegou no corredor do porão, de frente para o que devia ser uma porta aberta. Ele não sabia para onde essa porta levava e não conseguia enxergar lá dentro.

“Você provavelmente deveria voltar”, alertou uma vozinha em sua cabeça. Mesmo assim, ele ficou parado. Algo naquela sala — o mistério que ela representava, as possibilidades — era irresistível. Afastando seus pensamentos divergentes, ele entrou rapidamente.

Ele andou um pouco em volta, achando que esbarraria em algum objeto ou móvel que indicasse onde estava. Porém, isso não aconteceu, e depois de alguns instantes, tudo que conseguiu perceber foi um leve cheiro de mofo.

Então, de algum lugar atrás dele, ouviu algo. Um *clique*. Ele congelou. Era, inequivocamente, o som da porta se fechando.

Foi assim que ele foi parar ali, cego e no escuro, em algum aposento desconhecido sem nenhuma saída imediata. Ele respirou fundo, tentando aplacar o medo que havia passado por seu peito e agora subia pela garganta. Felizmente, seus pensamentos se aquietaram o suficiente para que ele pudesse começar a organizá-los em algo útil. “Um plano”, pensou. “É disso que eu preciso.”

Ainda *havia* uma porta, é claro, então havia uma saída. E este era um espaço fechado, o que significava que, em algum momento, ele poderia encontrar a porta. Ele começou a andar para a frente, com os braços esticados para a escuridão, tentando alcançar, tentando alcançar...

*Plaft.*

“Aí está”, pensou o homem, com satisfação. Ele havia batido numa das paredes. Agora era só uma questão de andar cuidadosamente em uma direção, tateando ao longo da parede, até chegar à porta. Parecia bastante fácil.

Ele deu um passo, depois outro, e outro, e outro, os dedos passando por cima do concreto frio. A sala era evidentemente muito grande — a parede parecia continuar por algum tempo. Quando finalmente chegou à esquina, onde essa parede se encontrava com a adjacente, ele teve que repetir o

mesmo procedimento de novo. Agora ele estava tateando ao longo da *nova* parede, na esperança de chegar à porta.

Ele continuou assim por algum tempo. Mas estava otimista, certo de que estava se aproximando da porta. Agora não devia demorar muito.

Foi quando notou uma leve comichão no nariz. Uma coceira repentina.

Ele contraiu o nariz reflexivamente, tentando ignorar o que estava acontecendo, mas a coceira só ficou mais forte... e mais forte... e *mais forte*. Seus olhos começaram a lacrimejar pelo esforço de não coçar. Suas mãos ainda estavam na parede, mas sua atenção se desviou. Tudo em que conseguia pensar era no nariz coçando. A sensação era avassaladora; era obsessiva.

— Eu tenho que coçar o nariz! — gritou desesperado para a sala vazia.

No fim das contas, foi o que ele fez. Tirou as duas mãos da parede (uma das mãos poderia ter resolvido, mas o homem não estava exatamente em sã consciência) — e coçou o nariz até ficar satisfeito. Ele continuou andando enquanto fazia isso, sem prestar atenção para onde estava indo.

— *Ahhhh* — disse ele, depois que coçou suficientemente o nariz. Ele colocou as mãos de volta à parede e retomou a busca.

Mais tempo se passou; quanto tempo, o homem não sabia. “Apenas continue”, disse ele para si mesmo. “Estamos quase lá.”

Quando esse pensamento lhe ocorreu, a sensação de coceira voltou. Só que, desta vez, foi na panturrilha. Novamente, o homem tentou resistir a coçar, mas quanto mais resistia, mais a coceira parecia aumentar na região. Logo, não era só a panturrilha que coçava, mas o resto da perna também! Depois do que pareceu uma eternidade de uma contenção torturante, ele cedeu, tirando as mãos da parede e afundando no chão, enquanto coçava a perna freneticamente.

Quando a coceira finalmente diminuiu, o homem se levantou novamente. Escolheu uma direção ao acaso e continuou Tateando a parede. “Desta vez”, pensou, “definitivamente encontrarei a porta.”

Assim, ele continuou vagando, e continuou coçando. Primeiro a coceira era aqui. Depois, era lá. A coceira aparecia deste lado. Depois aparecia do outro lado. *Coceira. Coçadura. Coceira. Coçadura.* Ao redor e ao redor o homem andava, a mente dando voltas tão febris quanto as pernas.

Em toda essa comoção que o homem fabricara para si mesmo, ele não percebeu que continuava desviando da porta. Em várias de suas voltas pela sala, seus dedos estiveram a um fio de cabelo da borda da porta, justamente quando ele se distraiu com uma nova coceira.

Lá fora, o sol começou a nascer sobre as colinas, banhando o palácio de calor e luz. Mas disso, também, o homem não saberia. Ele estava cansado. Estava delirando. Estava preso naquela sala infernal, com as mãos espalmadas absurdamente contra as paredes enquanto caminhava, rastejava e se coçava em seu caminho para lugar nenhum.

*Os sábios da Índia antiga advertem os buscadores a não se tornarem cativos de seus sentidos — a não sucumbirem sem pensar a todos os desejos que sentem surgindo dentro de si. Tal pessoa, dizem os sábios, não está em condição melhor do que o cego com a coceira.*

*Esta história é inspirada em um conto clássico narrado nos textos da filosofia indiana do Vedanta.*

